



Trabalhos Científicos

Título: As Consequências Do Tumor Cerebral: Além Da Oncologia.

Autores: MORGANA PIZZOLATTI MARINS (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), GIANA DA SILVA LIMA (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), VANESSA BATISTELLA KUNZLER (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), VICTORIA LUCATELI BERNARDI (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), GRAZIELA DE GASPERI (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), ÉRIKA LUIZA MASCHIO (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), NATÁLIA FORTUNATI (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), PATRÍCIA BOTTEGA (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), BRUNA APARECIDA FONTANA COSTA (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC), VINICIUS DAL PIVA PIETA (LIGA DE ONCOLOGIA UNISC)

Resumo: Introdução: Intervenções médicas avançadas permitem o crescente número de sobreviventes dentre pacientes oncológicos. Entretanto, sequelas de tumores cerebrais acontecem em até dois terços das crianças com essa patologia, que podem ser decorrentes do próprio tumor ou do seu tratamento. Objetivos: identificar as principais sequelas decorrentes do tumor cerebral infantil e seu tratamento. Método: foram identificados 8 artigos elegíveis nas bases de dados PubMed e SciELO, com os descritores “tumor cerebral”, “sequelas tumorais” e “câncer infantil”. Resultado: As crianças acometidas pelo câncer cerebral requerem um acompanhamento prolongado pelas múltiplas doenças que esse causa, ainda que estejam curadas do ponto de vista oncológico. A compressão do tecido cerebral gera lesões a curto e a longo prazo, resultando em sequelas neurológicas e desordens sociais. 44 das mais de 90 crianças curadas mostraram sequelas endócrinas, 43 sequelas cognitivas e 29 sensoriais. Dentre as endócrinas, a mais relatada foi insuficiência gonadal, seguida de deficiência de GH -gerando baixa estatura-, insuficiência tireoideana e diabetes insipidus, havendo, também, muitos casos de obesidade. Somado a isso, um estudo com adultos que tiveram esse tumor na infância demonstrou que mais da metade deles estavam desempregados devido, principalmente, a dificuldades de comunicação, cooperação, responsabilidade, empatia e auto-controle. O treinamento em habilidades sociais e o estímulo para colocá-lo em prática melhorou a qualidade de vida das crianças, comparadas àquelas que não o realizaram. Além disso, treinar os pais para que compreendam a restrição de seus filhos é um dos alicerces do tratamento, equilibrando com o controle da proteção e evitando a imposição de restrições sociais. Conclusão: O oncologista pediátrico, após pensar no que pode fazer para salvar seu paciente, precisa avaliar como propor maior qualidade de vida. Para isso, é mister a realização de estudos sobre o tema, pois pôde-se notar que há poucas alternativas descritas na literatura.